

A EDUCAÇÃO EM NIETZSCHE: CHEGA-A-SER O QUE TU ÉS

Maria Eugênia Carvalho de la Roca

- Mestre em Memória Social e Documento pela UNIRIO
- Coordenadora da Cátedra de Fundamentos da Educação I do PAIEF/UNIRIO
- Profª da Universidade Estácio de Sá no Curso de Pedagogia e profª substituta da Faculdade de Educação da Universidade Estadual do Rio de Janeiro, UERJ.

Resumo: Neste trabalho pretendo refletir sobre as críticas nietzschianas à educação da sua época, tal como são formuladas em textos da década de 1870: Sobre os nossos estabelecimentos de ensino e Schopenhauer como educador. Neles, é questionada a educação nos ginásios e nas universidades, onde se procura basicamente oferecer um adestramento utilitário: capacitar funcionários para o Estado, mão de obra para o mercado e eruditos para as universidades. O autor denuncia que essa tendência pragmática, que visa apenas treinar cidadãos para o mundo do trabalho, esquece o ideal humanista de formar grandes homens. O ensino moderno ao se preocupar com a formação integral do homem, não capacita os indivíduos para a vida. Nietzsche, espelhando-se em grandes mestres, como os gregos, Wagner e Schopenhauer, considera que o essencial da educação é permitir que cada um atinja suas potencialidades centrais, seu núcleo criativo. Todo homem - guiado por mestres que tenham se educado a si mesmos - pode desenvolver as suas forças vitais principais; a educação deve fomentar, assim, as possibilidades criativas do indivíduo para que cumpra com a meta de “chega a ser o que tu és

Abstract: In this presentation I pretend to reflect about the Nietzsche's critics related to the education from his epoch, as they are formulate in the texts from 1870 decade: “About our educations establishments and Schopenhauer as a educator”. In these texts the education in the gymnasiums and in the universities is questioned, they try basically to offer a utilitarian training: to capacitate workers for the Estate, workers for the market and intellectuals for the universities. The author announces that this pragmatics tendency in order to prepare people just for the work world, forgets the humanistic ideal to create big men. The modern education that is worried with the integral formation of the man; do not capacitate them for life. Nietzsche, based on big masters, as the Greeks, Wagner and Schopenhauer, considers that the essential in the education is to permit that each person develop his central potentialities, his creative nucleus. All men - guided by masters who have educated themselves - is able to develop his own principal vital forces; the education must foment, this way, in each person the creative possibilities to get on the objective that is to be what you are.

Introdução: Nietzsche no panorama da educação.

“Um dia virá em que só se terá um único pensamento: a educação”
(Nietzsche, F. Fragmento Póstumo, 1875).

Nietzsche crítico da cultura, médico filósofo da civilização, questionador da moral, da metafísica e da religião, cáustico hermeneuta de todas as instituições de Ocidente. O pensador alemão que tanto influenciou na história do pensamento, que é conhecido como anunciador do super-homem ou doutor do eterno retorno, parece ter tido um faro muito amplo para auscultar as questões mais diversas. Este autor é passível das mais diferentes abordagens e apropriações: a partir dele discute-se sobre arte, alimentação,

feminismo, matrimônio, política, ideologia, moda etc.

Sem dúvida, um pensador tão profundo e amplo - talvez um dos mais vulgarizados -, refletiu sobre a educação. Porém, a sua ótica, sobre este tema, tem sido pouco conhecida ou divulgada. Paradoxalmente, ele deu - desde o início até o final da sua obra - uma importância primordial à educação, considerando-a uma questão fundamental para a humanidade. Provavelmente, as suas idéias educativas ficaram num segundo plano, esquecidas pela sua reflexão sobre a metafísica, a moral, a religião, o conhecimento etc. Especificamente, no Brasil, Nietzsche é um autor pouco conhecido nas faculdades de Pedagogia, nas discussões sobre a problemática do ensino na atualidade. Até, são poucos os trabalhos acadêmicos dedicados ao autor. Com exceção de alguns livros, como o de Rosa Maria Dias Nietzsche educador; o de Jorge Larrosa Nietzsche e a educação e a mais recente coletânea, prefaciada e organizada por Noeli Correia de Melo Sobrinho. Escritos sobre Educação. Friedrich Nietzsche.

Creio que Nietzsche pode aportar importantes contribuições para o debate atual em torno da educação. Ele apresentou teses originais e relevantes. Tentarei abordar, fundamentalmente, os trabalhos dos anos 1870, contidos nas Considerações intempestivas, Sobre nossos estabelecimentos de ensino e Schopenhauer como educador. Lançarei mão principalmente dos comentários de Rosa Maria Dias, em Nietzsche educador. Destaco que o autor até o final da sua obra analisa a questão educativa, porém sobre outras óticas e perspectivas. Inclusive, ele alude à “educação superior da humanidade”, vinculada à instauração da grande política. Considero esta última problemática muito complexa, pois excede o meu propósito atual, portanto, repito que o meu foco estará centrado nos trabalhos dos anos 1870.

O questionamento da modernidade. A banalidade de um ensino pragmático.

Nietzsche dirige profundas críticas ao ensino, nos ginásios e nas universidades, da Alemanha, da sua época. Ele realiza uma profunda crítica da modernidade, das suas instituições, da política niveladora, que ancorada nas máximas de Liberdade, Igualdade e Fraternidade, pretende que todos os homens sejam iguais “por decreto”. Nessa perspectiva, eliminam-se as hierarquias, trata-se que todos sejam homogeneizados, nivelados para serem aproveitados pelo mercado, pelo estado. A educação da época esquece a qualidade, está dominada por critérios quantitativos: procura-se estender o ensino à maior quantidade de pessoas, sem preocupar-se que essa educação tenha patamares de excelência. Educa-se o maior número já que o mercado precisa de numerosos produtores. São adestrados todos em prol de objetivos pragmáticos: a produtividade, a necessidade de ter produtores bem treinados: “(...) a conseqüente vulgarização do ensino tinha por objetivo formar homens tanto quanto possível úteis e rentáveis, e não personalidades harmoniosamente amadurecidas e desenvolvidas”. (DIAS, 1991, p. 16).

Neste ponto, na Alemanha, a pretensão de profissionalizar rapidamente todos os educandos obedece a necessidades práticas, não culturais. Pensa-se apenas no mundo do trabalho, para que cada um tenha um ganha-pão. Esquece-se a formação. Não é necessário formar indivíduos de cultura elevada, isso exige tempo, um investimento excessivo. Trata-se, acima de tudo, de incorporar trabalhadores no sistema produtivo. Não importa a formação equilibrada da personalidade. Há uma lógica econômica que domina a educação, foi esquecido o ideal humanista de formação integral, em prol do treino profissional. : “[Nietzsche] se empenha em denunciar a deficiência de formação desde que os colégios e as universidades se tornaram profissionalizantes. Se julga que a cultura consiste no trabalho árduo e penoso de cultivo do próprio espírito, igualmente entende que a educação tem de levar ao desenvolvimento harmonioso de todas as capacidades do indivíduo”. (Ibidem, p. 8).

Crítica aos três egoísmos.

Nessa lógica utilitarista, que visa adestrar rapidamente a maior quantidade de produtores, está presente o interesse de três âmbitos que deturpam a educação. Nietzsche alude aos “três egoísmos”. Egoísmo do Estado, dos negociantes e dos eruditos. Essas três instâncias não precisam de homens formados, educados, treinados para a excelência da vida, para serem criativos. O Estado precisa de mão de obra para incorporar a sua burocracia; é necessário contar com funcionários na máquina estatal: “[O Estado] Tem interesse no desenvolvimento intelectual de uma geração, para fazê-la servir e ser útil às instituições estabelecidas (...) visa apenas ao seu próprio interesse (...) formar quadros de funcionários para mantê-lo existindo” (Ibid., p. 82). Os comerciantes necessitam, por sua vez, de empregados habilitados para realizarem com competência as trocas econômicas: “Com a ajuda de uma formação geral, não muito demorada, pois a rapidez é a alma do negócio, eles devem ser educados de modo a saber exatamente o que exigir da vida e aprender a ter um preço como qualquer outra mercadoria” (Ibid.). Finalmente, as universidades almejam eruditos que possam gerenciar as cátedras, a transmissão de conhecimentos, a manutenção de uma estrutura organizada, planejada, rígida, com pouca margem para o imprevisto. A erudição não está preocupada com a criação, nem com a articulação dos conhecimentos universitários com a vida. A universidade se transforma em um âmbito fechado em si mesmo que mastiga e regurgita os seus próprios conceitos: “A principal característica do cientista é a avidez insaciável por conhecimento (...) Míope para tudo o que está fora de sua lente de aumento, é incapaz de olhar para além de suas próprias botinas (...) transforma o próprio conhecimento numa sanguessuga que escarifica e mutila a própria vida” (Ibid., p. 83). Numa das considerações intempestivas, Das vantagens e desvantagens da história para a vida, Nietzsche criticará profundamente o ensino universitário da história. Ele assinala que o ensino da história, em vez de impulsionar novas experiências, diferentes formas de viver, coloca os eruditos na dependência do que já foi, do que já aconteceu. Os historiadores fazem do passado um parâmetro a ser imitado rigorosamente, um espelho rígido para ser repetido hoje e amanhã. Desta forma, fossilizam a vida, detêm o fluxo da existência. Esse excesso de história leva à repetição mecânica, desperdiça as energias do presente, inibe a criação. Assim, Nietzsche “Critica também os historiadores universitários, vendo neles seres empanturrados de saber, meros espectadores do passado, e não criadores de vida e cultura. Protesta contra a educação histórica com que os professores pretendiam instruir seus alunos, tornando-os, pelo acúmulo de saber, incapazes de recriar a vida a partir de suas experiências”. (Ibid., p. 43). Em síntese, nesses três âmbitos, o imprevisto, a criação, a vida parecem prescindíveis: Estado, mercado e universidade precisam apenas de bons produtores, não homens formados para a vida. A educação torna-se domesticação, treinamento de habilidades, e não formação: “A educação moderna é (...) sinônimo de domesticação. O ideal deste tipo de educação é formar o jovem para ser erudito, comerciante ou funcionário do estado, transformá-lo em uma criatura dócil e frágil, indolente, obediente aos valores em curso” (Ibid., p. 86). Assim, predomina a memória, a repetição, a recordação do passado. Nietzsche ironiza as universidades que empregam o método acroamático. Um método educativo onde predomina o ouvido: os alunos ouvem, o professor fala. Esta forma magistral de aula inibe a participação dos alunos que se limitam a copiar, a escutar: “Como o aluno está ligado à universidade? (...) Pelo ouvido, é um ouvinte. Apenas pelo ouvido. (...) O estudante ouve (...) A liberdade acadêmica é o nome que se dá a esta dupla anatomia: de um lado, uma boca autônoma; de outro, orelhas autônomas. (...) Tal autonomia não é mais do que uma domesticação do aluno (...)” (Ibid., p. 100). Nietzsche denuncia também uma cultura pautada pelo instante, pelo jornalístico, pela

superficialidade de fatos que não são elaborados, apenas são divulgados ligeiramente. Assim, as escolas e universidades transmitem conteúdos jornalísticos, apressados e que banalizam os educandos. Mas, é essa a dinâmica moderna dominada pela prensa produtiva, a dependência total das exigências do mercado, sem permitir ruminar, elaborar as noções, as vivências, sem deixar que os alunos realizem experiências, se cultivem, se formem.

Uma outra ótica: educar-se a si mesmo.

Nietzsche condena a banalização do ensino, a sua redução à domesticação, à mediocrização dos alunos. É necessário propor novos parâmetros formativos. Nietzsche considera que é preciso procurar elevados modelos, que possam tornar-se guias dos alunos. Tarefa difícil e quase impossível no seio do ensino pragmático da modernidade. Praticamente, numa época superficial e grosseira, não restavam grandes mestres. Era preciso procurá-los com paciência. Nietzsche encontrou três grandes modelos para inspirar sua própria formação: os gregos, Schopenhauer e Wagner.

Os gregos, para Nietzsche, foram os grandes educadores da humanidade. Eles tiveram homens superiores, provados na sua vida, nos costumes, nos seus pensamentos, capazes de educar-se a si mesmos e educar os outros. Os helenos tiveram a capacidade de aproveitar seus pensamentos para a vida. Tudo aquilo que pensavam se traduzia em ações, em formas de existência. Nada neles era erudição pedante, tudo aquilo que sabiam, o incorporavam, o tornavam orgânico, o traduziam em novas formas de ser, de agir: “avesso à erudição acadêmica, o jovem professor Nietzsche sonha com um ideal de educação que o estudo dos gregos pré-platônicos lhe revelara, uma educação ancorada nas experiências de vida de cada indivíduo, em que ‘os modos de vida inspiram maneiras de pensar e os modos de pensar criam maneiras de viver’” (Ibid, p. 32-3).

Schopenhauer e Wagner são também grandes mestres. Grandes orientadores, grandes indivíduos que tiveram a capacidade de auto-educar-se. Schopenhauer é o filósofo que teve a ousadia de ser absolutamente independente da burocracia universitária, que criou a sua obra corajosamente, sem preocupar-se com a erudição, mas com a articulação vital do seu pensamento. Já Wagner, amigo direto de Nietzsche, até que as circunstâncias os afastaram, tornou-se exemplo vivo de um criador, de produtor de novas formas de vida. O grande músico teve a capacidade de plasmar, na sua arte, uma visão original sobre a vida. Ele foi um mestre que atçou Nietzsche, na sua juventude, a aprofundar sua própria criação.

Para Nietzsche, educar, longe das necessidades do mercado, consiste numa experiência única em que as potências originais do indivíduo são acordadas, são convocadas. Para tal, é preciso grandes homens - como os gregos, como Wagner, como Schopenhauer -, que tornando-se modelos instiguem os educandos a educar-se a si mesmos. O contato com o modelo mostra a possibilidade efetiva de ver alguém que se formou a si mesmo, que se auto-educou. O mestre levará o discente a aprofundar as suas próprias forças, as suas próprias potências. Diante do modelo, o aluno tentará a imitação criativa. Essa grande existência, esse grande homem é digno de imitação. Porém, a imitação não pode ser mecânica, repetitiva, pois assim o mais próprio do aluno será sufocado, eliminado: “A imitação (...) é ativa, deliberada, construtiva e permite a reconstrução do modelo, a superação de si mesmo e a anulação do efeito paralisante de sua época (...) Nietzsche propõe a imitação criadora. Não se trata de repetir passivamente o modelo, mas de encontrar o que tornou possível sua criação” (Ibid., p. 75-6). O aluno é um ser único e irrepetível; ele leva dentro de si condições únicas, inéditas, já que todo indivíduo é um ser singular, excepcional na natureza. Poderíamos dizer que todos somos gênios, todos temos uma singularidade inexplorada, original: “Nietzsche refere-se ao homem como ‘o milagre da única vez’. ‘Todo homem sabe muito bem que está no mundo somente uma

vez, como um caso único, e que jamais o acaso, por mais caprichoso que seja reunirá uma Segunda vez tão estranha diversidade multicolorida num todo tal como ele é” (Ibid., p. 68).

A imitação criadora leva o indivíduo a tentar desvendar sua própria singularidade. A tarefa de criar-se a si mesmo é a tentativa artística de dar-se forma, de auscultar as suas forças principais. Neste sentido, Nietzsche sintetiza a tarefa educativa, e auto-educativa, com a máxima de Píndaro: “Chega a ser o que tu és”.

Qual o sentido deste aforismo que conduz toda a filosofia educativa de Nietzsche? A formação do homem nada tem a ver com exigências externas, do mercado, do estado, da erudição. Educar-se tem a ver com a capacidade de deixar ser o mais próprio. Por isso, o aforismo diz “chega a ser”, justamente, porque geralmente não somos o que podemos ser. Apenas somos o resultado híbrido de uma cultura decadente. Então, esse indivíduo para chegar a ser si mesmo deve ir contra a natureza imposta, contra si mesmo. Educar-se a si mesmo e contra si mesmo. Mas, por fim, chegar a ser o que si é, atingir o ponto central de cada um, para além das imposições de cada época.

Qual seria, então, a tarefa mor do mestre? Instigar o discente a procurar o seu próprio, seu único caminho. Atingir as suas forças fundamentais, perdidas pelas exigências de uma sociedade que o banaliza, que o extravia.

Em resumo, Nietzsche, longe de postular técnicas pedagógicas ou fórmulas educativas, propõe um alto ideal de formação, de autoformação. O grande mestre deve ser um criador, que convoca outro criador a fugir das imposições do momento e forjar um estilo autêntico, mostrar o próprio, a sua voz única e irrepetível. Gostaria de concluir esta reflexão sobre a proposta educativa de Nietzsche, lembrando suas palavras, quando alude ao caminho que cada homem deve assumir: “Ninguém pode construir em teu lugar as pontes que precisarás para atravessar o rio da vida, ninguém exceto tu, somente tu. Existem (...) inúmeras veredas, e pontes, e semideuses que se oferecerão para levar-te do outro lado do rio; mais isso te custaria a tua própria pessoa (...) Existe no mundo um único caminho, por onde só tu podes passar. Para onde leva? Não perguntes, segue-o”. (Ibid., p. 71).

Referências

DIAS, Rosa Maria. Nietzsche educador. São Paulo: Scipione, 1991.

LARROSA, Jorge. Nietzsche & a educação. Belo Horizonte: Autêntica, 2002.

SOBRINHO, Noéli Correia de Melo. Escritos sobre educação. Friedrich Nietzsche. Rio de Janeiro: PUC/Loyola, 2003.